SEMENTES CRIOULAS: SEGURANÇA ALIMENTAR PELA DIVERSIDADE

Jair André Ziembowicz¹, Alessandro da Silva Maia², Poppy Brunini Pereira Nuñez³, Otavio Diel Deves⁴, Sinval Pereira Goulart⁵

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho apresenta um breve resumo do projeto intitulado **Resgate e Conservação de Sementes. Segurança Alimentar pela diversidade**, desenvolvido pela Associação dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais Fronteiriços (ASTRF), na região noroeste do estado de Rio Grande do Sul, e financiado pelo Pronaf-Capacitação do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA).

O projeto que começou a ser desenvolvido em março deste ano, tem como principal objetivo estabelecer processos de formação continuada no resgate e conservação de sementes como uma estratégia de segurança alimentar e de desenvolvimento da agroecologia.

Além disso o projeto pretende contribuir no empoderamento social e cultural das famílias envolvidas visando uma maior autonomia e organização das mesmas, resgatando principalmente o papel das mulheres no cuidado e manutenção de sementes crioulas.

Para isso a ASTRF junto com seus sindicatos parceiros definiram montar bancos de sementes crioulas nas propriedades e comunidades rurais como forma de resgatar, conservar e manter o controle social das sementes. A partir desses bancos, estabelecer sistemas de trocas e multiplicação de sementes entre agricultores(as) visando resgatar práticas solidárias de acesso às sementes.

PALAVRAS CHAVES: sementes crioulas, segurança alimentar, diversidade.

NO RESGATE DAS SEMENTES CRIOULAS

A agricultura familiar é a maior produtora de alimentos básicos para o país, no entanto, o sustentáculo desta agricultura está desaparecendo – as sementes. Os alimentos básicos da propriedade estão sendo substituídos pelos alimentos industrializados ou por nada. Assim, a fome se estabelece, mesmo na agricultura familiar, tradicionalmente espaço de fartura de alimentos e sementes. Existem muitos condicionadores para esta questão, mas o fato é de que existe uma

¹ Técnico em Agrop.. Assessor da ASTRF. Coordenador da pesquisa. jair.az@via-rs.net

² Formando em Filosofia. UFSM. Assessor da ASTRF. maiafil@hotmail.com

³ Eng. Agrônoma. Mestre em Extensão Rural. Coordenadora Técnica da ASTRF. poppyblues@hotmail.com

⁴ Técnico em Agrop. Acadêmico da UERGS- São Luiz Gonzaga. Assessor da ASTRF. otaviodeves@yahoo.com.br

⁵ Eng. Agrônomo. Assessor da ASTRF e CEADES. sinvalgoulart@bol.com.br

correlação entre a perda das sementes e o aumento da pobreza e da fome. A pobreza rural no RS é de 17% da população total do estado.

Na Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul⁶, apesar do perfil predominante de pequenas propriedades familiares foi aplicado um modelo produtivo e tecnológico inconseqüente e que vem reforçando ao longo de 30 anos a exclusão dos agricultores(as). A substituição das sementes crioulas por sementes compradas foi base constituinte deste modelo.

Essa região também é a maior bacia leiteira do Estado e os agricultores vendem o leite para comprar alimentos básicos e sementes. Isso é algo que necessita ser revisto. Colocar alimentos na mesa é uma atividade tão geradora de renda quanto aquelas representadas por dinheiro que entra na propriedade. Por muito tempo se procurou convencer a todos que o flagelo da fome e da desnutrição no mundo desapareceria com o aumento significativo da produção agrícola e que isso estaria assegurado com a adoção de um modelo agrícola de grandes propriedades, de monoculturas, de emprego maciço de insumos químicos (fertilizantes e agrotóxicos), de mecanização intensiva e de sementes “melhoradas”.

Os agricultores(as) têm manejado recursos genéticos desde que começaram a cultivar as plantas. Porém, a “revolução verde” acelerou a erosão genética e solapou os esforços empreendidos pelos agricultores(as) no sentido de conservar e melhorar suas variedades.

As políticas públicas de forma predominante têm reforçado esta estratégia de exclusão dos agricultores(as) familiares e calcadas no modelo da “revolução verde” vêm desprezando as estratégias locais de resgate e conservação de sementes. Valorizam mais a produção para o mercado do que as estratégias de segurança alimentar e reprodução da agricultura familiar.

Apesar da problemática citada, na região noroeste do estado vem ocorrendo um fenômeno nos últimos 20 anos que está forjando opções para a agricultura familiar dentro deste “rio” de dependência e insegurança. Trata-se de um processo conduzido por agricultores(as), sobretudo pelas mulheres, que capitaneiam importantes lutas por direitos sociais, por saúde e na propriedade sustentam a matriz alimentar da família. Na maioria das vezes, conservam e multiplicam as sementes de forma “marginal” e oculta às políticas públicas. Milhos plantados há 40/50 anos por famílias, sementes de hortaliças, cebola de sementes, viveiros comunitários de plantas medicinais, práticas em pequenos grupos, ou isoladas de manutenção e conservação de sementes. Sofrem uma forte pressão da propaganda das empresas de sementes e dos próprios técnicos. Predominantemente

⁶ Compreendida pelas Regiões Noroeste Colonial, Missões e Fronteira Noroeste. Esta região tem 75 municípios e mais de 90% destes com base econômica na agricultura familiar. Na área rural atualmente são mais de 100.000 famílias.

este trabalho é considerado “uma ajuda sem valor”. O “moderno” é ir ao mercado comprar alimentos, sementes e insumos.

Vivenciando estas experiências e ausências a Associação dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais Fronteiriços conjuntamente com o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Porto Lucena, implantou a dois anos atrás um banco de sementes, buscando fortalecer e dignificar o papel da agricultora na segurança alimentar da família e manter sob domínio das agricultoras suas sementes. O banco funciona no sindicato onde são realizadas trocas de sementes dos mais variados tipos e quantidades e divulgações de experiências de produção e multiplicação de sementes. Nesta experiência coletiva têm sido observado que há uma grande diversidade de alimentos que ainda permanece “escondido” na agricultura familiar e pode ser socializado neste tipo de ação, as mulheres são as que mais utilizam o banco de sementes, muitas famílias que acessam o banco de sementes recomeçam a diversificar sua base alimentar, aparece uma necessidade de socialização de métodos de conservação de sementes e intercâmbio de experiências.

Essas experiências têm nos mostrado que é possível vencermos as barreiras da fome e da dependência das sementes. Parece contraditório, mas a região que chegou a ser o “celeiro do país” tem fome em seus campos. Fome estrutural, fome de alimentos de qualidade, fome de acesso à informação e fome de renda.

Atualmente e tomando como referência o banco de sementes montado a dois anos no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porto Lucena, estão sendo montados 10 bancos novos em 10 município da região. As entidades signatárias são constituídas por sindicatos de trabalhadores rurais e movimentos de mulheres e jovens, que durante o processo de discussão optaram por entrar na parceria. Os municípios envolvidos são os seguintes: Caibaté, Cândido Godói, Dezesseis de Novembro, Dr. Maurício Cardoso, Giruá, Guarani das Missões, Pirapó, Porto Lucena, Vitória das Missões e Santo Ângelo.

A metodologia trabalhada durante o processo de criação de grupos interessados no resgate das sementes crioulas tem como fundamentação a Educação Popular. Chamamos de metodologia de **formação continuada participante**. Esta formação continuada permite que um mesmo grupo participe de encontros periódicos, vivencie práticas em sua propriedade ou comunidade, troque experiências e fundamentalmente consiga resgatar e registrar o conhecimento acumulado com a experiência vivida. Neste processo de formação, todas as atividades procuram estabelecer **ação-reflexão** e registros para que a próxima ação seja encantadora e motivadora de mudanças. Com esta metodologia participante busca-se também um processo de multiplicação da formação e de

engajamento de todos no projeto. Acreditamos que o projeto deve buscar em sua metodologia, fundamentalmente, o empoderamento e a organização dos envolvidos.

Cada grupo possui uma coordenação de turma que articula junto com o núcleo pedagógico da ASTRF os encontros de formação. Os encontros são teórico-práticos, desenvolvendo atividades práticas de conservação de sementes, visitas a agricultores que possuem ampla experiência no desenvolvimento de sementes crioulas, visita ao banco de sementes de Porto Lucena (experiência pioneira na região) e encontros teóricos com assuntos diversos dentro do tema sementes.

O projeto que começou em março deste ano está em processo de implementação, já se desenvolveram os encontros iniciais e várias visitas com os grupos envolvidos. Também os bancos de sementes estão sendo montados nas diferentes comunidades e o processo de troca-troca está tomando cada vez mais importância entre os atores envolvidos.

CONCLUSÃO

O projeto de Resgate e Conservação de Sementes, desenvolvido pela ASTRF e seus sindicatos parceiros, pretende resgatar uma discussão que a agricultura familiar nunca deveria ter abandonado, a importância das sementes crioulas. A partir das experiências existentes na região de abrangência da Associação, enviou-se um projeto para o MDA, com o objetivo de financiar um projeto que coloca-se o tema sementes crioulas novamente no tapete. Como já foi colocado anteriormente a conservação e multiplicação de sementes se desenvolve atualmente de forma “marginal” e oculta às políticas públicas, esquecendo a importância fundamental que as mesmas possuem na discussão de segurança alimentar e biodiversidade da agricultura familiar e a sociedade como um todo.

O projeto pretende empoderar as famílias envolvidas, resgatar sua auto-estima, diversificar sua base alimentar, e gerar uma nova fonte de renda através da venda e troca de sementes crioulas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORDEIRO, ÂNGELA. **Cultivando a Diversidade: Recursos Genéticos e Segurança Alimentar Local**. 1994
- CORDEIRO, ÂNGELA; FARIA, ANDRÉA ALICE. **Gestão de bancos de sementes comunitários**. Versão brasileira do Manual de Gestão Pública de Fernand Vincent. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1993.
- FREIRE, PAULO. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GADOTTI, MOACIR. **Pedagogia da Terra**. 3º ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- IBGE in: Programa **FOME ZERO**